

Suplemento Cultural

SANTO E POETA

**REGINALDO ALVES DE ARAÚJO –
PRESIDENTE DA ASL**

Outro dia, visitei o Horto Florestal da nossa capital, no contorno da Rua 26 de Agosto com a Avenida Ernesto Geisel. Lugar ideal para apreciação do belo, da harmonia da natureza, do silêncio confortante que sempre resulta em ricas meditações e afáveis reflexões. Este paraíso é densamente ensombrado por um renque de árvores das mais variadas espécies, umas viçosas, outras caducas, sem contar com vários ensaios de jardins em espaços preciosos, em toda a extensão do verdejante parque. Um mundo maravilhoso aos meus olhos. Vaguei inebriado em suas veredas. Havia alegria saltando dentro de mim. Lembrei-me das palavras do padre Venildo Trevizan: “Felizes os que fazem do dia de hoje o primeiro dia do resto de sua vida. Felizes os que vivem o hoje com gostinho de eternidade”.

“

No fundo da alma, vem a certeza de que toda a natureza estava em São Francisco de Assis – O Santo dos Poetas”

Deslumbrado, ouvi canto mavioso de pássaros no cocuruto das árvores esguias. Lembrei-me do poeta canonizado São Francisco de Assis, que, agarrado aos ciprestes da Itália, numa mensagem telepática, soprou em meus ouvidos docilmente: “Louvado sejas, meu Senhor,



Quadro de São Francisco de Assis

com todas as tuas criaturas, e sobretudo, pelo irmão sol que nos dá luz do dia, pela irmã lua e pelas estrelas... Pelo irmão vento, e pelo ar e pelas nuvens, pelo irmão fogo, pela irmã terra, que nos sustenta e alimenta, com ervas e flores de tanta cor, pela água, pelas plantas, pelos irmãos de asas ou patas, os que rastejam no chão, os que nadam nos lagos, rios e mares”.

No fundo da alma, vem a certeza de que toda a natureza estava em São Francisco de Assis – O Santo dos Poetas.

Fim do passeio. Um lustroso sarau poético. Última vereda, última árvore,

último jardim. Resolvi encher os bolsos de flores, com as mãos felizes e os olhos enchendo lágrimas de felicidade.

Na Rua Alexandre Fleming, no prolongamento do Bairro Amambai, um outro poeta me esperava. O fulgente empresário Sinval Martins recebeu-me, com notável fidalguia, no escritório de sua empresa, já com suas poesias à mostra. Com um dócil sorriso, fez-me sentar. Ouvi-o atentamente. Emanava serenidade na mansidão com que falava e se movia, na discrição quase invisível de como confeccionou seus poemas e na busca incessante de afinar-se à tão cobiçada inspiração poética.

Pousei os olhos nos poemas: “Percepção”, “Amigo”, “O João de Barro”, “O Bem-te-Vi”, “O Dia e a Noite”, “Noite Poesia” e “Uma Noite que Dói Mais”. Luminoso momento aquele. Páginas admiráveis, encantadoras, como, aliás, são todas dos louváveis poetas.

Com palavras sinceras, opinei que o conjunto de seus versos enche o coração

RUBENIO MARCELO, VELEJADOR DE SONHOS

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

O que é a poesia? De onde o poeta retira a força que lhe permite debruçar-se sobre o mundo para transformar e reinventar a realidade? Quem é esse estranho criador, que caminha em direção oposta à lógica, cultiva estranhos sons, valendo-se apenas da própria força interior para atingir o cerne da vida, definir estratégias, que o levam ao mais distante dos caminhos, convertendo o tempo em matéria de sonhos, que sustentam as razões do viver?

Faço estas considerações, enquanto releio “Veleiros da Essência”, o livro mais recente de Rubenio Marcelo, que, desde a capa, atraiu-me pelo jogo de cores e a proposta estética de comparação da poesia com um barco carregado de ilusões, que vai corajosamente singrando os mares, carregando “no ventre nu da memória”, “por entre verdes aragens” – um timoneiro de olhar seguro.

Sem medo, ele ganha o mundo, sem

perder a obsessão de fazer das palavras a razão maior de permanência num planeta, que perdeu a direção.

O leitor sente-se parte da atmosfera teatral dessa obra, na qual passa a figurar como um dos atores, encantado pelas invenções que, a cada momento, surgem diante de seus olhos, em resposta à beleza, que permeia as infinitas criações, traços distintivos do autor.

Se, nas obras anteriores, Rubenio Marcelo definiu-se como exímio conhecedor das formas clássicas da poesia universal, neste último, faz da modernidade o signo indicador de uma criatividade, que se renova a cada linha.

Jogos de palavras (sol da resistência/da existência), metáforas surpreendentes “enovando os flocos da solidão”, “sou semente natural de capim urbano”; metalinguagens: “sou floema avatar/sou semente do meu sonho a viajar”, apreço pela poesia concreta, pelo jogo de oposições: “Não quero o frisson carmim dos

shoppings centers); títulos invertidos, como no poema espelho: “ah esse espelho reflete cada traço/ cada gesto/ cada cor...”

Caminha, valendo-se apenas da luz interior, da própria força, para construir o caminho. Para ele, o tempo é matéria de construção de sonhos, de diálogo com as palavras.

Segundo Mário Quintana, “o verso é a loucura cantando sozinho, o assunto o carinho inventado pelo autor, que fez da poesia uma escolha de vida”.

Escrever é para Rubenio Marcelo uma sina, a certeza que o guia por entre tentações, certo de que a felicidade é brincado com as palavras, recriação de novos jogos e nada mais. Ousado, alma aberta à reinvenção da realidade, nunca quis outra coisa senão debruçar-se sobre os problemas da existência para transformar o efêmero em eterno.

Com os olhos voltados para o infinito, vai a cada minuto reavivando o fogo do poder criativo, certo de que, para ele, to-

do do resto é fogo de palha, na consciência de que poesia é processo dos mais exaustivos, de uma construção que prevê luta renhida e permanente com as palavras, para atingir o ponto desejado da perfeição em que o elemento surpresa precisa estar presente como estrela a cintilar na escuridão da noite.

Discípulo de João Cabral de Melo Neto, sente a poesia como uma ave que vai a cada segundo conquistando o voo.

Viajante de longos e estranhos mares, Rubenio percorre horizontes infinitos entre códigos, gaivotas e plenilúnios, para fecundar correntes e levarnos à paz das alvíssimas florações dos portos longínquos.

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras viaja no veleiro da felicidade, neste dia de grande vitória das letras, em que, como Drummond, seguimos o poeta que carrega algo indescritível, que nos ajuda a retomar a essência da adolescência luminosa.

Florescemos infinitamente e navegamos com Rubenio Marcelo, buscando a essência nas asas da poesia.

POESIA

GAIVOTAS

Na barca veleira dos meus sentimentos gaivotas procuram cansadas, como a procurar as luzes efêmeras das pálpebras do tempo... Em revoadas, tecem auroras no vértice das chegadas e partidas que me eternizam lembranças...

Estas gaivotas me ardem palavras matinais e, à noite, confundem-se com as estrelas irrequietas do meu espaço mental... Deixam-me insone para vigiar as minhas intenções e o sarcástico segredo do fogo dos desejos ante as dádivas das direções anunciadas pelos anjos sem trombetas...

Estas gaivotas emprestam-me suas asas para que eu sinta [por entre as sombras das realidades caolhas] a leveza de um novo olhar no claro-azul das mutações circundantes...

Estas gaivotas reinventam rotas nas minhas retinas... Adornam a minha solidão: entendem as certezas dos meus desalentos e equilibram o voo das minhas incertezas...

RUBENIO MARCELO

OCASOS SANGUÍNEOS

Sangue nos horizontes. Disparate De um vermelho sanguíneo, impressionante. Sangue no chão dos campos de combate E na amplidão sem fim do céu distante.

Vejo um rubro esplendor a cada instante Cintilando na angústia que me abate. O sol é assim, batendo em meu semblante, Como um manto de púrpura, escarlate.

Tardes de outono ou de verão. Sozinho, Ante a extensão brutal do firmamento É que posso medir meu desalinho...

Tenho a impressão, quando olho estes céus rasos, Que as mãos de Jesus Cristo estão imersas No sudário de sangue dos ocasos.

ALTEVIR ALENCAR

Amor pelo crioulisto

HÉLIO SEREJO

Desde menino, fui assim: um enamorado, em grau muito elevado, das paisagísticas sertanejas, portanto, dos “mistérios” das coisas charruas. Fui – sem nenhuma dúvida – um trilhador de caminhos, um observador incansável, um perguntador de muito fôlego.

Sorvi, com muita sofreguidão, o selvático, o descampado, os cômodos, os brejais infundáveis, as croas, o vargedado de moitas clorofiladas, os para-tudos chamadores de raios, a solidária lagoa de água azulada, os trilheiros dos bichos-do-mato, o vento sulino anunciando chuva, a sinfonia das taboas nos alagadiços, a algazarra ruidosa das “baitacas” na roça de milho, as “canhadas” onde aves diversas buscam o farnel apetitoso, as árvores desganhadas, no espigão de pouca sombra, o chilrar festivo da passarela, o urro da fera andeja que corta o despovoado sem rumo determinado, o barulho cantante da queda d’água no coração das brenhas, e o luar que branqueja a vastidão. Vivi, intensamente, esses momentos, formadores todos do crioulisto.

Vivi, sem queixumes, apoiado tão somente no amor desmedido pela sertania, pela selvaticidade, enfim, pela obra do Sublime Criador.

Por esse motivo, tornei-me – dádiva de Deus – um escravo apaixonado do nativismo. Sempre agradeço, de mãos postas, ao Pai Celestial, pelo dom gratificante.

Quedo-me, invariavelmente, orgulhoso de possuir essa virtude... virtude de permanecer entontecido com os amanheceres e a magia do “sol se pondo”, no instante em que o poderoso astro se afora nas sombras da noite que se avizinha.

Vivi e, vivo ainda, esse momento de êxtase, com a profundidade contemplativa do eremita agradecido.

Graças dou ao Senhor, pelo dom que tanto me engrandece, transformando-me, diuturnamente, em um cristão feliz, sem resquícios de hesitação.

Sou o que sou, por obra d’Ele. Por sua infinita bondade.

Por mais que avancem os anos, fundem-se em minha alma os entreveros paisagísticos, num ferrete de recordação que adorna, fundamentalmente, o sensível coração sertanejo.

O “passado”, em verdade, está “presente”, não morrerá nunca.

Viverei com ele, com certa angústia, tocando-me o peito, com o que reviverei as lembranças e sentirei a emoção sacudindo as entranhas...

O MACACO

RAQUEL NAVEIRA

É desconcertante o aspecto do macaco: tão semelhante ao ser humano, que nos constrange e intriga. Observar sua agilidade, sua comichão, seus dons de imitação, desperta em nós a consciência do quanto somos animais.

O macaco simboliza a nossa alma, a nossa consciência, os pensamentos pulando de galho em galho. É preciso acalmar a mente, amarrar esses aventureiros, salteadores, bandidos das forças instintivas. Afinal, mente quieta e coluna retesada é a postura do autodomínio e da meditação.

Quantas emoções ao ficarmos face a face com nosso ancestral peludo, caricatura brutal de nosso próprio ego. É por isso que o viveiro dos macacos em qualquer jardim zoológico é uma das principais atrações. Os visitantes reconhecem logo que esses bichos têm atitudes e comportamentos quase humanos, que permitem estabelecer comparações curiosas. Gorilas, chimpanzés e orangotangos nos impactam.

Certa vez, num sítio em Mato Grosso, eu deveria ter uns treze ou quatorze anos, fiquei admirando um macaco que pulava entre as árvores e as cercas de flores amarelas. De repente, ele me olhou fixamente, o membro ficou ereto, em riste, e ele caminhou em minha direção. Senti medo, repulsa por aquele macho indecente, degradado pela luxúria e pela malícia. Revoltei-me: como pôde ter sido tão insolente? Cheguei a ter pesadelos, pois per-

cebi que há temperamentos sensuais incontinentes que arrastam para a lascívia e para a morte. Os estudos de anatomia comparada confirmam a impressão que todos temos desse íntimo parentesco com o macaco: o plano geral do esqueleto e a estrutura cerebral são os mesmos em homens e macacos. A diferença é que, em nossa natureza humana, houve o aperfeiçoamento do córtex cerebral, essa região que nos confere a capacidade de pensar em conceitos abstratos, de organizar causas e efeitos, de falar, de escrever.

Fundamental o toque desse fenômeno humano e divino que é a linguagem, o dom da palavra que cria a realidade, pois “no princípio era o Verbo”. O córtex, local de onde emana o Amor, esse “que ama o próximo como a si mesmo”. Esse antinatural amor capaz de altruísmo e de “ser leal com quem nos mata”, como diria Camões.

Dizem que os macacos se reúnem em assembleias, agacham-se, batem no peito, mostram o traseiro, tagarelam ruidosamente um pouco antes de o sol nascer e se pôr. Como será a linguagem desses mágicos espertos? Desses artistas da imitação? Quais os segredos dessas criaturas cúpidas? Desses convencidos vulgares?

Não há como fugir da questão: o homem originou-se mesmo do macaco? A velha e anacrônica discussão entre evolucionismo e criacionismo. O criacionismo adotado pela teologia judaico-cristã, apoiado na fé religiosa, nos textos bíblicos. O evolucionismo apoiado em evidências cosmológicas, geológicas, arqueológicas e antropológicas. O criacionismo atribuindo uma origem transcen-

dental e necessária do sopro da vontade divina. O evolucionismo naturalizando o homem, fazendo-o parte contingente de um processo amplo e global.

A origem das espécies, de Charles Darwin, publicado em 1859, estimulou uma nova visão sobre a criação do mundo, mas o fato é que o conhecimento científico não alterou significativamente a crença ou a descrença em Deus, são duas verdades em contextos e planos diferentes. A dúvida, ela é a certeza das coisas que não vemos. Ciência e fé têm algo em comum: o mergulho no mistério.

Quando meu filho Augusto era pequeno, gostava de brincar com um macaco desengonçado que ele prendia no espaldar da cama. Veio o poema:

*O macaco é comovente,
Parece gente!*

*Pula,
Se coça,
Fica com ar tão pensativo...
Faz gestos imprevisíveis:
Enxuga lágrimas,
Acena adeus,
Coloca as mãos em prece.*

*Macaco é rude,
Rude homem das cavernas,
Felpudo e bruto,
Terno e estúpido.*

*Guto foi ao circo,
Viu o macaco andando de bicicleta,
Por que se gosta de ver bicho imitando atleta?*

Fica mesmo a perplexidade: “O macaco é comovente/Parece Gente.”